

**REDES SOCIAIS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DESPERSONALIZAÇÃO EM
BYUNG-CHULL HAN: UM ESTUDO NARRATIVO**
**SOCIAL NETWORKS, SOCIAL REPRESENTATIONS, AND
DEPERSONALIZATION IN BYUNG-CHUL HAN: A NARRATIVE STUDY**

¹ Diogo Rogério Carlos

² Manoel Ribeiro da Silva Neto

³ Helison Cleiton dos Santos Ferreira

RESUMO

Nesta pesquisa pretende-se, através de um estudo bibliográfico e narrativo compreender como o fenômeno das redes sociais e as representações sociais que se constroem a partir delas, contribui para o processo de despersonalização. Buscou-se apresentar o conceito de despersonalização na obra do filósofo sul-coreano Byung-Chull Han e o Transtorno de Despersonalização/desrealização do DSM V. As representações sociais que constroem na cultura digital desempenham um papel fundamental na construção da realidade social, influenciando as percepções, atitudes e comportamentos dos indivíduos em relação a si mesmos e aos outros. Concluiu-se que na era da transparência digital e da exposição constante nas redes sociais, as pessoas se tornam cada vez mais homogêneas e conformistas, que a pressão para se conformar aos padrões de visibilidade e sucesso social cria um ambiente onde a individualidade é sacrificada em prol da aceitação e da validação externa, causando sensações de cansaço, crises de identidade e a despersonalização.

Palavras-chave: Redes Sociais. Representações Sociais. Despersonalização.

¹ Mestrando em Psicologia Social pela Universidad de Flores (UFLO), Buenos Aires - ARG. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE (João Pessoa - PB) e em Psicomotricidade pela Faculdade IBRA (Belo Horizonte - MG). Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP), Caruaru - PE. Professor e coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU, Caruaru. Membro efetivo da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial (ABLAE). Presidente do Núcleo de Logoterapia e Análise Existencial de Pernambuco (NUCLAPE).

E-mail: diogorogerioipsi@outlook.com

² Residente em Atenção Básica e Saúde da Família pelo Centro Universitário Tabosa de Almeida (ASCES/UNITA), em Caruaru - PE. Pós-graduando em Neuropsicologia Clínica pelo Centro Universitário ÁGAPE (Caruaru - PE). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), de Caruaru - PE.

E-mail: manoelrribeiro07@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade de Pernambuco. Neuropsicólogo. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau - Caruaru. Professor no Centro Universitário Maurício de Nassau - UNINASSAU Caruaru. Preceptor em Saúde. Colaborador do Ministério da Saúde.

E-mail: psihelisonferreira@gmail.com

ABSTRACT

In this research, through a bibliographic and narrative study, the aim is to understand how the phenomenon of social networks and the social representations constructed through them contribute to the process of depersonalization. The study sought to present the concept of depersonalization in the work of the South Korean philosopher Byung-Chul Han, as well as the Depersonalization/Derealization Disorder described in the DSM-V. The social representations built within digital culture play a fundamental role in the construction of social reality, influencing individuals' perceptions, attitudes, and behaviors toward themselves and others. It was concluded that, in the era of digital transparency and constant exposure on social networks, people become increasingly homogeneous and conformist; the pressure to conform to standards of visibility and social success creates an environment in which individuality is sacrificed in favor of acceptance and external validation, leading to feelings of exhaustion, identity crises, and depersonalization.

Keywords: Social Networks. Social Representations. Depersonalization.

1 INTRODUÇÃO

As representações sociais que se constroem na cultura digital desempenham um papel fundamental na construção da realidade social, influenciando as percepções, atitudes e comportamentos dos indivíduos em relação a si mesmos e aos outros. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, ganhou reconhecimento internacional por suas análises críticas sobre a sociedade contemporânea, sobre essa cultura digital e os efeitos da tecnologia nas pessoas. Han é conhecido por suas críticas ao neoliberalismo, à cultura do consumo e aos impactos psicológicos das mídias digitais; suas obras exploram temas como individualismo, comunidade, vigilância e os efeitos sociais e psicológicos da tecnologia digital e da cultura de consumo.

O autor se debruça nos estudos desse fenômeno contemporâneo que é a cultura digital e já escreveu diversos livros e artigos abordando o assunto, entre os livros mais conhecidos de Byung-Chul Han incluem "A Sociedade do Cansaço" (2010), "Psicopolítica: Neoliberalismo e Novas Técnicas de Poder" (2014) e "A Sociedade da Transparência" (2012). Sua abordagem filosófica combina insights da filosofia continental com uma análise aguda das tendências sociais e culturais atuais, tornando seu trabalho provocativo e relevante para a compreensão dos desafios da existência moderna. Han também é conhecido por sua crítica à sociedade do cansaço, um termo que ele cunhou para descrever uma cultura de excesso de trabalho, autoexploração e exaustão na era contemporânea.

O autor discute como as identidades individuais estão sendo moldadas e fragmentadas na era digital, e observa que, enquanto as redes sociais oferecem plataformas para a expressão pessoal e a conexão social, também contribuem para uma fragmentação da identidade, onde as pessoas são frequentemente reduzidas a perfis digitais simplificados, podendo levar à alienação e à perda de autenticidade na interação social. Han critica as redes sociais por promoverem uma cultura de visibilidade e transparência total, onde cada aspecto da vida é compartilhado e avaliado publicamente, destacando os efeitos psicológicos e sociais desses fenômenos contemporâneos, questionando como podemos manter a autenticidade e a liberdade de expressão em um mundo cada vez mais dominado pela visibilidade digital e pelas dinâmicas de conformidade social.

Nesta pesquisa buscou-se, através de um estudo bibliográfico e narrativo compreender como o fenômeno das redes sociais e as representações sociais que se constroem a partir delas, contribui para o processo de despersonalização. Serão apresentados o conceito de despersonalização na obra de Han e o Transtorno de Despersonalização/desrealização do DSM V.

Concluiu-se que na era da transparência digital e da exposição constante nas redes sociais, as pessoas se tornam cada vez mais homogêneas e conformistas, que a pressão para se conformar aos padrões de visibilidade e sucesso social cria um ambiente onde a individualidade é sacrificada em prol da aceitação e da validação externa, causando sensações de cansaço, crises de identidade e a despersonalização.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Representações Sociais

As representações sociais são construções mentais e simbólicas que os indivíduos e grupos elaboram para dar sentido ao mundo ao seu redor, interpretando e organizando a realidade de acordo com suas experiências, valores, crenças e interações sociais. Essas representações são moldadas pelas influências culturais, históricas e sociais presentes em determinado contexto, refletindo as percepções coletivas sobre diversos temas, como gênero, raça, classe social, política, entre outros (Galego et al., 2023).

No âmbito das representações sociais, os indivíduos atribuem significados compartilhados a objetos, pessoas ou conceitos, contribuindo para a construção de identidades individuais e coletivas. Por meio dessas representações, os indivíduos buscam compreender o mundo a sua volta e se relacionar com os outros membros da sociedade, criando laços de pertencimento e estabelecendo normas e valores que orientam o comportamento social (Grillo; Nogueira, 2020).

Torna-se importante ressaltar que as representações sociais não são fixas ou imutáveis, mas estão em constante transformação e negociação no processo de interação social. Elas podem ser contestadas, reconfiguradas ou ressignificadas ao longo do tempo, à medida que novas informações, experiências e perspectivas são incorporadas ao repertório individual e coletivo (Campos; Santos, 2022).

As representações sociais desempenham um papel fundamental na construção da realidade social, influenciando as percepções, atitudes e comportamentos dos indivíduos em relação a si mesmos e aos outros. Ao analisar as representações sociais presentes em uma determinada sociedade ou grupo social, é possível compreender melhor as dinâmicas culturais, políticas e históricas que moldam as relações humanas e a forma como os indivíduos se posicionam no mundo (Apostolidis et al, 2022).

Dessa forma, as representações sociais constituem um campo fértil para a análise das complexidades da vida em sociedade, permitindo investigar as diversas maneiras pelas quais os seres humanos constroem significados compartilhados, constroem identidades coletivas e individuais e negociam suas relações interpessoais em um contexto social mais amplo.

Na era da transparência digital e da exposição constante nas redes sociais, as pessoas se tornam cada vez mais homogêneas e conformistas. A pressão para se conformar aos padrões de visibilidade e sucesso social cria um ambiente onde a individualidade é sacrificada em prol da aceitação e da validação externa.

Promove-se uma cultura onde as pessoas estão constantemente preocupadas em serem vistas e reconhecidas, dando ênfase nas aparências e nas representações superficiais de si mesmas, ao invés de uma reflexão interior mais profunda. O incentivo a autopromoção constante e o narcisismo, onde as pessoas estão mais interessadas em construir e manter uma imagem pública favorável do que em desenvolver uma verdade pessoal. A busca por visibilidade e reconhecimento social leva à homogeneização das representações sociais.

Com isso, o autor reflete contra a ideia de que a transparência total e a visibilidade completa são ideais desejáveis. Sugerindo que a verdadeira liberdade e autenticidade requerem espaços de privacidade e reflexão interior, onde as pessoas possam desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmas sem a pressão da visibilidade constante.

Além disso, Han (2017), analisa como a cultura contemporânea de performance constante e autoexposição leva à autocensura e à autocracia permanente da identidade, resultando em uma sociedade onde as pessoas estão sempre preocupadas em serem vistas de maneira correta, em detrimento de uma verdadeira expressão social. A sociedade da transparência não apenas por expor excessivamente a vida privada das pessoas, mas também por promover um ambiente onde a verdadeira singularidade e autenticidade são cada vez mais difíceis de serem alcançadas, conduzindo à despersonalização e à perda do sentido de si mesmo.

2.2 Byung- Chull Han e o Processo de Despersonalização

A despersonalização é um conceito que está intrinsecamente ligado à abordagem psicopolítica de Byung Chul Han. “A psicopolítica digital transforma a negatividade da decisão livre na positividade de um estado de coisa. A própria pessoa se positiviza em coisal.” (Han, 2018. p. 23). A sociedade contemporânea é caracterizada por um excesso de positividade, na qual a pressão por produtividade e sucesso individual se torna cada vez mais intensa.

Nesse contexto, a despersonalização surge como um fenômeno psicossocial resultante desse ambiente hiperconectado e competitivo. Ela se manifesta como uma perda da individualidade e da capacidade de autenticidade, em que os indivíduos se vêem pressionados a se encaixar em padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Através da constante exposição às redes sociais e à cultura do espetáculo, os indivíduos são levados a construir uma persona idealizada, uma imagem que representa o que a sociedade espera deles. Essa busca incessante por validação e aceitação leva ao esgotamento emocional e à sensação de vazio existencial.

A perda da capacidade de descobrir e vivenciar a autenticidade de sua singularidade, implica também na ausência de reflexão crítica e na dificuldade de estabelecer relações autênticas. O sujeito se torna um mero espectador passivo, consumindo conteúdos superficiais e se alienando dos aspectos mais profundos da

vida. O conceito de despersonalização que surge na abordagem psicopolítica de Byung Chul Han, faz um alerta para os perigos de uma sociedade que valoriza o desempenho e a aparência em detrimento da individualidade e do bem-estar emocional.

Vale salientar que na obra “A Sociedade do Cansaço”, o autor supracitado explora a despersonalização como uma consequência da sociedade contemporânea caracterizada pelo excesso de informações, estímulos e demandas, tornando essa uma condição na qual as pessoas perdem sua identidade pessoal e singularidade, tornando-se cada vez mais homogeneizadas e semelhantes uns aos outros. Isso ocorre devido à pressão constante para se adaptar e se encaixar nas normas e expectativas da sociedade, bem como à busca incessante por produtividade e eficiência (Han, 2017).

Na sociedade do cansaço, as pessoas são constantemente bombardeadas por informações, tarefas e estímulos, o que leva a um acúmulo de estresse e exaustão. A busca por sucesso, realização e aceitação social também contribui para a pressão sobre os indivíduos, fazendo com que eles se sintam sobrecarregados e sem tempo para descanso ou reflexão.

Como resultado desse processo, a despersonalização ocorre quando as pessoas se tornam meros trabalhadores ou consumidores, perdendo sua individualidade e se conformando com os padrões sociais definidos. Elas se tornam prisioneiras de uma lógica de desempenho e eficiência, onde são valorizadas apenas por sua utilidade e produtividade.

Com tudo, o autor reflete o despersonaliza-se nesta obra, como uma consequência da cultura do excesso e da pressão constante para ser bem sucedido e se adaptar às demandas da sociedade contemporânea. Defende também a importância de resgatar a individualidade, a reflexão e o tempo para o autocuidado, a fim de evitar a perda da singularidade e recuperar uma conexão autêntica consigo mesmo e com os outros.

É um convite a repensar a relação atual da sociedade com a tecnologia e a buscar uma vida mais autêntica e significativa. O autor propõe uma nova forma de resistência, baseada na recuperação da autonomia e da liberdade individual. Ele defende a importância de cultivar espaços de introspecção e de cuidado consigo mesmo, além de promover uma cultura do lento, que valorize a contemplação e a reflexão.

Em "A Sociedade da Transparência", o mesmo autor aborda o tema da despersonalização de maneira profunda e crítica, refletindo a sociedade contemporânea marcada pelo excesso de transparência e visibilidade, resultando na aniquilação das singularidades. "A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho." (Han, 2017. p. 11). Na era da transparência digital e da exposição constante nas redes sociais, as pessoas se tornam cada vez mais homogêneas e conformistas. A pressão para se conformar aos padrões de visibilidade e sucesso social cria um ambiente onde a individualidade é sacrificada em prol da aceitação e da validação externa.

Promove-se uma cultura onde as pessoas estão constantemente preocupadas em serem vistas e reconhecidas, dando ênfase nas aparências e nas representações superficiais de si mesmas, ao invés de uma reflexão interior mais profunda. O incentivo a autopromoção constante e o narcisismo, onde as pessoas estão mais interessadas em construir e manter uma imagem pública favorável do que em desenvolver uma verdade pessoal. A busca por visibilidade e reconhecimento social leva à homogeneização das representações sociais.

Com isso, o autor reflete contra a ideia de que a transparência total e a visibilidade completa são ideais desejáveis. Sugerindo que a verdadeira liberdade e autenticidade requerem espaços de privacidade e reflexão interior, onde as pessoas possam desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmas sem a pressão da visibilidade constante.

Além disso, Han (2017), analisa como a cultura contemporânea de performance constante e autoexposição leva à autocensura e à autocriação permanente da identidade, resultando em uma sociedade onde as pessoas estão sempre preocupadas em serem vistas de maneira correta, em detrimento de uma verdadeira expressão social. A sociedade da transparência não apenas por expor excessivamente a vida privada das pessoas, mas também por promover um ambiente onde a verdadeira singularidade e autenticidade são cada vez mais difíceis de serem alcançadas, conduzindo à despersonalização e à perda do sentido de si mesmo.

2.3 Despersonalização/Desrealização (Depersonalization/Derealization Disorder – DDD) no DSM-V

A Dissociação é definida como uma ruptura nas funções geralmente integradas

de consciência, memória, identidade e percepção, levando a uma fragmentação da coerência, unidade e continuidade do senso de si mesmo [self]. A Despersonalização é um tipo particular de dissociação envolvendo uma integração interrompida de autopercepções com o senso de si mesmo, de modo que os indivíduos que experimentam a despersonalização estão em um estado subjetivo de se sentir alienados, separados ou desconectados de seu próprio ser.

A Despersonalização trata-se de um fenômeno bastante observado na psiquiatria e que costuma ser descrito pelos pacientes como um estranhamento do ambiente; um estranhamento na continuidade do ser; uma sensação de estar perdido de si, desconectado de suas emoções; de apenas passar pelos movimentos da vida; de não estar habitando o próprio corpo; de estar se vendo de fora — algo semelhante a uma marionete (SIMENON, 2023).

Em 2013, a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) renomeou o transtorno: o que antes era chamado de Transtorno de Despersonalização (Depersonalization Disorder – DPD), passou a se chamar Transtorno de Despersonalização/Desrealização (Depersonalization/Derealization Disorder – DDD). Tal mudança aconteceu porque a Despersonalização e a Desrealização são fenômenos que estão profundamente conectados e que, na grande maioria das vezes, acontecem ao mesmo tempo, apesar de apresentarem uma diferença basal — como explica Bezzubova (2014, p. 1, tradução livre): “A despersonalização refere-se à experiência de si mesmo [self], enquanto a desrealização refere-se à experiência da irrealidade do mundo ao redor”. Neste momento, faz-se importante salientar que estamos falando de uma experiência “como se”, ou seja, uma experiência na qual a crítica está preservada e a vivência é percebida como estranha, e nisso ela se distancia do delírio, que, por sua vez, se caracteriza por ideias fixas irredutíveis. (BEZZUBOVA, 2014).

No Transtorno de Despersonalização a pessoa passa a perceber o mundo e a realidade à sua volta de forma alterada. Entre os principais sintomas são sentir-se como um observador externo do seu corpo; achar que seu corpo não lhe pertence; não se lembrar de como chegou a algum lugar ou como realizou alguma atividade; ter a sensação de que está em um sonho ou sonhando acordado; sentir seu corpo ou sua mente de forma estranha; não se reconhece ao olhar no espelho; não ter certeza se algo realmente aconteceu ou é apenas imaginação.

A despersonalização, como o próprio nome já diz, é como se a personalidade

tivesse ido embora. A pessoa passa a observar suas ações como um telespectador, com pouco ou nenhum controle sobre suas ações. Já a desrealização está mais ligada a um sentimento ou sensação de desligamento do ambiente. Ou seja, tudo ao seu redor parece ser falso, alterado, irreal ou distorcido. Todos esses sintomas são principalmente comuns em casos de psicose. Para SIMENON et al (2023), cerca de 50% da população geral tiveram pelo menos uma experiência transitória de despersonalização ou desrealização na vida, mas somente cerca de 2% das pessoas têm os critérios da despersonalização/desrealização.

A despersonalização ou desrealização também pode ocorrer como um sintoma em diversos outros transtornos mentais, assim como em distúrbios físicos, tais como distúrbios convulsivos. Quando despersonalização ou desrealização ocorre independentemente de outros transtornos mentais ou físicos, é persistente ou recorrente, e prejudica o funcionamento, transtorno de despersonalização/desrealização está presente. (SIMEON, 2003).

Transtorno de despersonalização/desrealização ocorre igualmente em homens e mulheres. A média de idade no início é 16 anos. O transtorno pode começar no início ou no meio da infância; apenas 5% dos casos se desenvolvem depois dos 25 anos, e o transtorno raramente começa depois dos 40 ano (SIMEON, 2003).

A despersonalização faz com que um indivíduo tenha sua percepção sobre si mesmo alterada. Caracteriza-se por sensações de irrealidade, apatia, amnésia, impressão de que está separado do corpo, perda do controle, ataques de pânico, depressão, ansiedade, sono, estresse, cansaço e outros. Dentre tais manifestações que ocorrem na despersonalização pode-se destacar a ansiedade, depressão e ataques de pânico, pois esses permanecem em maior evidência nesse transtorno. No processo de despersonalização, o indivíduo passa a não sentir o próprio corpo, pois não consegue reconhecer o mesmo como seu. Normalmente, isso acontece quando uma pessoa passa por alguma situação traumática, desastres, acidentes e outras que de maneira física ou psicológica geram grande desespero e necessidade de refúgio.

Na despersonalização, o córtex pré-frontal responsável pelas emoções é fortemente ativado fazendo com que o sistema límbico também relacionado com emoções de forma a coordenar as mesmas seja desativado resultando em sentimentos de apatia e irrealidade. Apesar da pessoa sentir que está fora de seu próprio corpo, sabe que tais sensações são conscientes e ainda que a consciência age dessa forma para buscar controlar os agentes externos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que o conceito de despersonalização e a definição de Transtorno de Despersonalização/desrealização do DSM V se aproximam em muitas características. Pode-se afirmar que o autor, ao falar de processo de despersonalização causado a partir das experiências com o uso excessivo de redes sociais, também fala de processo do transtorno de despersonalização/desrealização.

Compreende-se assim, que o fenômeno das redes sociais e as representações sociais que se constroem a partir delas podem sim, contribuir para o processo de despersonalização, dependendo da experiência como esse uso for administrado. Outras indagações fomentam outras pesquisas, como por exemplo a história pessoal de vida dos usuários, o histórico clínico, a pré-disposição ao desenvolvimento de algum transtorno psíquico, a própria estrutura psíquica do sujeito, as influências de substâncias externas ou fenômenos sócio-culturais que atravessam a experiência pessoal de cada usuário de redes sociais.

O conceito de despersonalização na obra do filósofo sul-coreano Byung-Chull Han e o Transtorno de Despersonalização/desrealização do DSM V se aproximam ao pontuar uma perda de contato com a realidade que o circunda, ou a perda de contato consigo mesmo, o que poderíamos chamar talvez de uma crise de identidade ou de personalidade. O sujeito que idealiza ser o que realmente não é está fugindo de uma realidade e construindo outra, o problema se instala quando há uma grande discrepância entre o real e o ideal, quando por exemplo os filtros e outros mecanismos próprios das redes sociais despersonalizam esse sujeito, que se sente pressionado a postar fotos ou vídeos que se enquadrem num padrão já estabelecido.

.Na era da transparência digital e da exposição constante nas redes sociais, as pessoas se tornam cada vez mais homogêneas e conformistas, que a pressão para se conformar aos padrões de visibilidade e sucesso social cria um ambiente onde a individualidade é sacrificada em prol da aceitação e da validação externa, causando sensações de cansaço, crises de identidade e a despersonalização.

REFERÊNCIAS

BEZZUBOVA, E. Depersonalization in the DSM-5. *Psychology Today*, online, 13 jun. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3xOrLT3>. Acesso em: jul. 2024.

GALEGO, J.; GODOI, M.; LINHARES, C.; LEMOS, N. Teoria das representações sociais: um convite aos estudos de Serge Moscovici. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 20, n. 2, p. 1-23, 2023.

GOMES, N.; SILVA, J.; QUEIROZ, A.; FERREIRA, M.; APOSTOLIDIS, T.; SILVA, R. Imagens e representações sociais: a fotolinguagem e *photovoice* na produção de dados sobre fenômenos de saúde. *Escola Anna Nery*, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2022.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. 1. ed. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

NOGUEIRA, K.; GRILLO, M. Teoria das representações sociais: história, processos e abordagens. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. 1-17, 2020.

SANTOS, E.; CAMPOS, P. As representações sociais como teoria e como prática. *Dossiê*, v. 32, n. 2, p. 181-190, 2022.

SIMEON, D. Depersonalisation disorder. *CNS Drugs*, v. 18, n. 6, p. 343-354, 2003.

SIMEON, D.; KNUTELSKA, M.; NELSON, D.; et al. Feeling unreal: a depersonalization disorder update of 117 cases. *Journal of Clinical Psychiatry*, v. 64, p. 990-997, 2023. DOI: 10.4088/jcp.v64n0903.